

Inundações e Cuidado Integral

guia para discussões técnicas e comunitárias

Norma Valencio

Samira Younes Ibrahim

Juliano Costa Gonçalves

Organizadores



Ficha Técnica

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Organizadores: Norma Valencio, Samira Younes Ibrahim, Juliano Costa Gonçalves

Ilustrações: Norma Valencio

Versão eletrônica disponível em: www.neped.ufscar.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Inundações e cuidado integral [livro eletrônico] :
guia para discussões técnicas e comunitárias /
organização Norma Felicidade Lopes da Silva
Valencio , Samira Younes Ibrahim , Juliano
Costa Gonçalves. -- 1. ed. -- São Carlos, SP :
NEPED/UFSCar, 2022.
PDF.

Bibliografia.
ISBN 978-65-88873-14-4

1. Cidadania 2. Ciências sociais 3. Desastres
ambientais 4. Desastres naturais 5. Direitos
humanos 6. Enchentes urbanas 7. Inundações
I. Valencio, Norma Felicidade Lopes da Silva.
II. Ibrahim, Samira Younes. III. Gonçalves,
Juliano Costa.

22-107590

CDD-363.340981(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Desastres ambientais 363.340981(81)

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este material é de interesse público. Pode ser reproduzido, total ou parcialmente, desde que citada a fonte.
Sua hospedagem em sites ou blogs depende de autorização prévia dos organizadores.

3.5 A integralidade do ser-no-mundo em meio a essas adversidades

Norma Valencio
Samira Younes Ibrahim
Juliano Costa Gonçalves
Mariana Siena
Juliana Sartori
Luís Henrique de Sá



Em uma adversidade de caráter ambiental, não apenas nosso corpo físico é ameaçado, sofre e requer cuidados. As esferas emocional, social, mental, espiritual e energética também são abaladas, pois todas elas são interdependentes. Elas compõem a integralidade do Ser. E necessidades surgem nessas esferas. Podemos pensar que o nível mais pessoal é também o mais universal, assim é possível reconhecer algumas necessidades básicas iniciais implicadas no cuidado integral do Ser que atravessa uma situação de adversidades, tais como: a de segurança pessoal e de pessoas queridas; a de manter a família reunida no mesmo local; estar próximo de vizinhos e amigos; obter informação sobre os familiares e amigos desaparecidos e feridos; provimento de alimentação e hidratação; retirada de novos documentos para repor aqueles extraviados; receber ajuda para recompor as condições de trabalho; ter momentos de descanso e, se necessário, ficar em silêncio; ter momentos onde possa cuidar de sua dor, medos, inseguranças, raivas e, se necessário, receber ajuda profissional, inclusive para ressignificar o que está acontecendo dentro de sua

trajetória de vida. Quando as políticas de reabilitação e recuperação deixam de focalizar todos esses aspectos, e de maneira integral, as adversidades mudam de configuração, mas estão ainda presentes no centro da vida. Não adiante somente as águas das inundações terem baixado para o desastre ter terminado na vida delas...Diante os problemas ainda por enfrentar, é importante saber que **podem** ser normais reações iniciais às adversidades, que não fazem parte das características habituais da pessoa afetada, tais como: tristeza, insônia, medo, ansiedade, choro, certa apatia, hiperatividade, insegurança. Reações que, se persistirem por muito tempo, irão exigir cuidados profissionais apropriados.

Os desastres afetam as várias dimensões humanas, sejam elas mais físicas e corporais ou mais psíquicas e espirituais, porém, todas vitais. As corporais são de mais fácil acesso e podem ser tratadas de forma mais objetiva e rápida, enquanto as que pertencem ao campo da psique necessitam de sensibilidade e compreensão para a sua abordagem. Em emergências e desastres, dadas às circunstâncias pouco usuais ou anormais, essa exigência é aumentada. Pessoas, nessas condições, podem ser afetadas em várias de suas dimensões, sendo as dimensões da psique as que sempre apresentam mudanças muito significativas. O trabalho interdisciplinar faz-se necessário à manutenção da integralidade humana, nesses casos (Sommerman, 2006).

No contexto de desastre os aspectos psicossociais precisam ter maior visibilidade junto ao ente público, visto que a reconstrução no plano material não garante a reconstrução em nível simbólico. Os aspectos relacionados aos sentimentos e experiências, que permanecem silenciados pelos afetados nos desastres, devem ser priorizados nas medidas de cuidado, com intuito de se pensar as consequências multidimensionais a longo prazo. É de notar, ainda, os elementos que pontuam a resistência dos grupos sociais no cenário de desastres. Por exemplo, a resistência coletiva não apenas no referente à destruição havida, mas à forma como foram abordados no episódio, se manifesta na manutenção da cultura local, seja nos rituais religiosos ou na retomada, ainda que precária, de práticas da vida cotidiana. Assim, quanto mais diversos os olhares sobre o problema, mais elementos de resistência local serão identificados para que as políticas respondam sem aviltá-las.

Visualizar a integralidade do Ser nessas circunstâncias exige, assim, situá-lo socialmente, isto é, desvendar e articular os elementos sociais que produzem o desastre. Isto é, ver o desastre não como um fenômeno que “atinge” nossas sociedades, mas que é produzido no âmbito das relações sociais que se expressam nela, no padrão de desenvolvimento que ora se desenrola nas cidades e no campo, nas desigualdades sociais com a quais insistimos em conviver. Suas feições são identificáveis em âmbito macro e microssociais. Seu teor está nas relações sociais e enfaticamente no modo de interação que o Estado tem com os empobrecidos. Cada grupo social traz o seu próprio *habitus*, o qual precisa ser considerado em qualquer estratégia de minimização do sofrimento. A mulher, por exemplo, tem historicamente muitos papéis justapostos na moradia, os quais constituem sua identidade: o de mãe; o de chefe do lar; o de esposa; mais recentemente, o de chefe de família. Principalmente, a mulher desempenha o papel de mantenedora da coesão familiar. Todos esses papéis sociais são formas de socialização fundamentais para a perpetuidade dessa instituição, a família, na sua dinâmica endógena. Tais papéis necessitam ser considerados em sua integralidade, pois se ações de resposta a emergências apenas focalizarem a preservação da vida física, como fazem muitos órgãos de proteção e defesa civil, isso pode incrementar a morte social do grupo familiar. Ademais, as políticas e estratégias de atenção aos grupos sociais mais vulnerabilizados, e afetados recorrentemente em desastres, não deveriam reproduzir os vieses de classe, dando atendimento de segunda classe aos pobres. A vida social precisa ser restaurada dentro de uma perspectiva de cidadania, isto é, de igualdade de direitos para todos os que vivem sob as nuvens cinzentas nos céus. Com compensações aos que, sob tais nuvens, sofrem com a cotidiana proteção social desigual.

A dimensão ambiental do cuidado, por seu turno, envolve todos os elementos vinculados ao ambiente natural e construído em que as pessoas vivem. É nesta dimensão que nos preocupamos com os elementos climáticos, com o solo, com a água, com a poluição e com a forma como usamos a natureza. Na dimensão ambiental discutimos como podemos melhorar os problemas das inundações, por exemplo, recompondo a vegetação dos rios e córregos assim como discutir sobre a repercussão que uma intervenção territorial de grande monta pode ser sobre o conjunto da bacia. Tem sido sempre mais fácil apontar para quem mora perto de córregos e rios e acusá-los de “falta de percepção de risco”, como se os

efeitos das inundações que sofrem fosse sua única responsabilidade. Mais difícil, porém necessário, é identificar os sujeitos que produzem e induzem a impermeabilização ou a exposição de grandes extensões do solo urbano e rural ao derredor –carreando mais velozmente águas pluviais em vazões extraordinárias ou assoreando os mananciais–, mas estão a salvo de vivenciar o problema que geram. Assim, uma busca por uma melhor relação entre o ambiente natural e o construído se vincula, por exemplo, a dimensões de saúde ambiental ou de política cultural, ou de lógica fundiária, por exemplo. Nestas relações, faz sentido pensar a dimensão ambiental como o cuidado de si mesmo, o qual não se desvincula do cuidado para com as outras pessoas e o cuidado com animais, plantas, solo, água, ar... Cuidar dos outros significa cuidar das pessoas pensando numa qualidade de vida e de bem-estar global (Fig.1). Cuidar de animais, plantas, solo, água, ar e de outros elementos do ambiente significa manter a base da vida e da existência da natureza como compromisso para que as futuras gerações possam desfrutar da mesma qualidade de vida e bem-estar que temos, queremos e desejamos.

Um exemplo prático sobre o cuidado multidimensional no contexto urbano das grandes cidades é o de uma política de manutenção séria das praças, jardins e parques. Quando bem cuidados, estes atraem visitantes que ali usufruem da beleza para a melhoria de seu bem-estar físico e psicológico, além de serem espaços que ensejam uma maior convivência comunitária. Crianças, idosos e seus cuidadores encontram ali um ambiente propício a estímulos perceptivos agradáveis –na variedade da vegetação e das flores, no canto das aves, na temperatura amena das sombras–, o que minimiza o efeito dos estressores nas suas rotinas de compromissos públicos ou no âmbito doméstico. Por seu turno, esses efeitos de bem-estar também precisam chegar aos que, se encontrando em vulnerabilidade extrema, sequer dispõem de moradia e dormem nos bancos das praças públicas e em demais espaços públicos a céu aberto. A cidade que provê embelezamento e limpeza urbana também precisa prover abrigos humanizados e políticas mais consistentes de reintegração social aos que estão num estágio avançado de desfiliação social, incluindo o seu direito de também frequentar esses espaços, fazer uso dos equipamentos de exercício ali existentes, mas com a sua dignidade

restaurada. Assim, interseccionando as políticas urbanística e social, evita-se as armadilhas das cidades cindidas, nas quais os cuidados territoriais, voltados para alguns, cobram o preço de expulsão sumária de outros. (Valencio *et al*, 2008).

Quantas facetas da vida o desafio de lidar com inundações pode revelar?

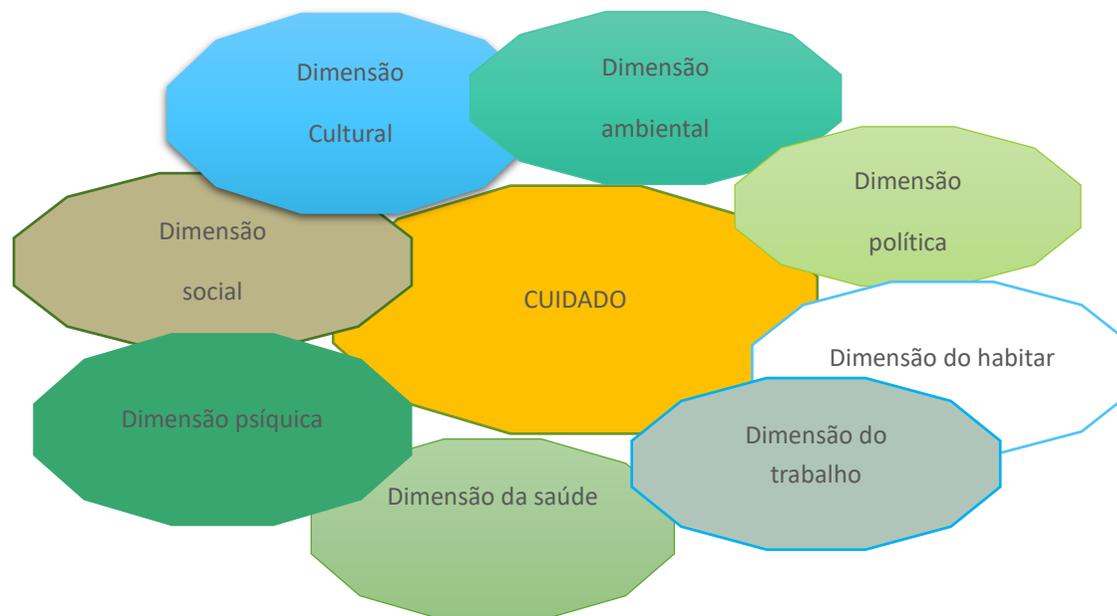


Fig. 1: Dimensões relevantes para as práticas de cuidado em contexto de inundações.

Questões para reflexão

Este é um convite para você realizar primeiro uma reflexão pessoal.

Só precisa de lápis ou caneta e papel.

Considerando situações de inundações, reflita:

- quais seriam suas necessidades básicas nas dimensões apresentadas na Fig. 1, acima?
- como as mesmas poderiam ser atendidas, mesmo que parcialmente?

Em um segundo momento, se você quiser, pode fazer o mesmo exercício com seu grupo (família, vizinhos, colegas de trabalho, comunidade).

E, assim, discutir, criar em conjunto redes próximas de colaboração em momentos de desastres.

Sugestão de atividade

Em grupo, elenquem um conjunto de estabelecimentos públicos e privados que compõem uma localidade urbana hipotética, suscetível a inundações expressivas. Após, visualizem uma situação de inundação na qual essa localidade teria ficado em isolamento por 3 dias consecutivos, afetando diretamente uma parte dos equipamentos públicos, estabelecimento privados e moradias e a outra parte tendo uso apenas parcial. As comunicações, sistemas de fornecimento de energia e de fornecimento de água foram interrompidos.

A partir disso, propõe-se:

- Discutir qual o balanço possível entre os espaços e as necessidades dos grupos foram mais afetados e dos que ainda dispõem de algum recurso.
- Identificar quais novas funções potenciais as estruturas ainda viáveis poderiam ter para a sobrevivência coletiva (por exemplo, galpões servirem como espaço para abrigo, padarias e mercados com suprimentos de alimento e água, fontes de combustível para iluminação e cocção etc) e quais critérios seriam utilizados para compartilhar tais recursos.
- Quais procedimentos seriam adotados frente a necessidade de realocação de grupos especialmente vulneráveis, tais como: pacientes em casas de repouso e hospitais, unidade de atendimento a pessoas com deficiência, unidades prisionais, canil municipal. etc.

Questões para debate

- 1- Que papel podem desempenhar a inter e a transdisciplinaridade nas situações de desastres?
- 2- As ações dos órgãos governamentais atingem a integralidade humana, durante as situações de desastres, preservando-a?
- 3- Durante os desastres que dimensões humanas se mostram mais vulneráveis?

Referências

SOMMERMAN, A. (2006) **Inter ou transdisciplinaridade?** São Paulo, SP: Paulus Ed.

VALENCIO, N. *et al* (2008) Pessoas em situação de rua no Brasil: estigmatização, desfiliação e desterritorialização. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, p. 556-605. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/NormaArt.pdf>